

2017



BOLETIM DE PETRÓLEO

Bruno Luís Lacerda
Naiara Carvalho
Gerência de Operações e Planejamento
Setembro - 2017



1 - Cenário Econômico

O risco de um conflito nuclear, que vem gerando desassossego na economia internacional, ainda não se dissipou. A Coreia do Norte voltou a realizar novos testes com mísseis, o maior até então: foi confirmado o uso de uma bomba de hidrogênio. Além disso, o projétil atravessou o espaço aéreo japonês, levando o presidente dos EUA, Donald Trump, apoiado por representantes do Japão e da Coreia do Sul, a pressionarem ainda mais a Organização das Nações Unidas (ONU) para aumentar as sanções ao regime de Kim Jong-un. Assim, a ONU aprovou por unanimidade restrições quanto a importações de petróleo da Península norte-coreana, até que o país comece seu processo de desnuclearização.

No tocante aos dados macroeconômicos dos EUA, o mercado de trabalho apresenta números comumente associados a uma economia estável. Segundo o Departamento de Trabalho dos EUA, o índice de desemprego do país em agosto avançou 0,1% na comparação com o mês passado, alcançando uma taxa de 4,4%. Apesar deste acréscimo, tal indicador ainda reitera que o país encontra-se em níveis próximos ao pleno emprego. Quanto à solicitação de seguro desemprego, houve uma redução em torno de 14 mil requisições referente à semana encerrada em 8 de setembro, que registrou 284 mil pedidos do benefício. Já a criação de postos de trabalho no mês citado decepcionou o mercado, ao passo que eram esperadas 180 mil vagas quando na verdade foram obtidas 156 mil. No entanto, o PMI industrial obteve avanço, posto que o indicador registrou no mês de agosto 58,8 pontos frente a 56,3 no mês anterior. Tal resultado prova a força da indústria norte-americana e reforça o otimismo no país. Esta conjectura positiva da economia norte-americana vem sugerindo uma política de aumento mais gradual na taxa de juros por parte do FED.

Na Europa, a expectativa continua acerca da recuperação econômica da região. A taxa de desemprego ficou inalterada no mês de julho na comparação com o mês anterior, alcançando o valor de 9,1%. A inflação dos dezenove países que compartilham o Euro manteve-se inalterada, registrando no mês de julho 1,3%, a prévia para o mês de agosto está estimada em 1,5%. Diante dos dados fracos da inflação, o Banco Central Europeu (BCE) anunciou a manutenção das taxas de juro e do programa de compra de ativos, a fim de levar o indicador mais próximo possível da meta de 2%. Quanto à indústria, o PMI da Zona do Euro apontou avanço em 0,8 pontos na comparação de agosto com o mês anterior, totalizando no período em questão 57,4 pontos, o que configura expansão da atividade industrial.

No que tange aos dados macroeconômicos da China, pode-se ressaltar que a segunda maior economia mundial apresentou uma elevação em agosto quanto ao seu PMI, registrando 51,7 pontos

no mês observado ante 51,4 em julho. Este crescimento surpreendeu os agentes que aguardavam uma redução do valor. Assim, na leitura do mercado, o setor industrial chinês segue robusto, visto que tal índice permanece acima de 50 pontos, ou seja, dentro da zona expansão da atividade industrial. Vale ressaltar ainda, que a balança comercial chinesa obteve ganhos no mês de agosto em relação a julho, impulsionada por uma demanda global firme. As exportações no período citado subiram 5,5%, enquanto as importações aumentaram 13,3%, contudo configuraram um superávit comercial na ordem de 42 bilhões de dólares.

Sob o ponto de vista doméstico, continua presente no mês de agosto a baixa inflação dos indicadores mensais de preços: O IPCA e o IGP-DI apresentaram, respectivamente, modestos avanços de 0,19% e 0,24%, enquanto o INPC apontou contração de 0,03%. Ademais, o PIB do Brasil subiu 0,2% no segundo trimestre em relação ao trimestre passado, e apesar de ser um tímido avanço, de acordo com o mercado, tal número configura-se em uma retomada de crescimento da economia brasileira. Assim, tais fatos favoreceram para a continuidade nos cortes da taxa de juros Selic, que foi reduzida em 1 ponto base pelo Comitê de Política Monetária do Banco Central (Copom), ficando em 8,25% a.a..

No lado político-fiscal, a equipe econômica continua mostrando comprometimento para com o ajuste fiscal do país. Ainda com o intuito de equilibrar as contas públicas foram aprovadas a Medida Provisória 777, que visa criar uma taxa de longo prazo para os contratos do BNDES, a revisão das metas fiscais do ano de 2017 e 2018, que ficou estipulada em um déficit primário na ordem de R\$ 159 bilhões, e o anúncio de um plano de privatização de empresas públicas e sociedades de economia mista, tais como a Eletrobrás e a Casa da Moeda. Ademais, o Congresso sinalizou ainda a possibilidade da Reforma da Previdência ser votada em outubro deste ano.

Dessa forma, apesar dos fatores internacionais citados, a economia nacional ainda está sendo mais influenciada via acontecimentos internos. A queda no risco doméstico, tendo em vista o declínio da inflação, aliado com as possíveis aprovações de mais reformas fiscais, possibilitam uma retomada da atividade econômica e da trajetória de desenvolvimento da economia brasileira.

2 - Preços

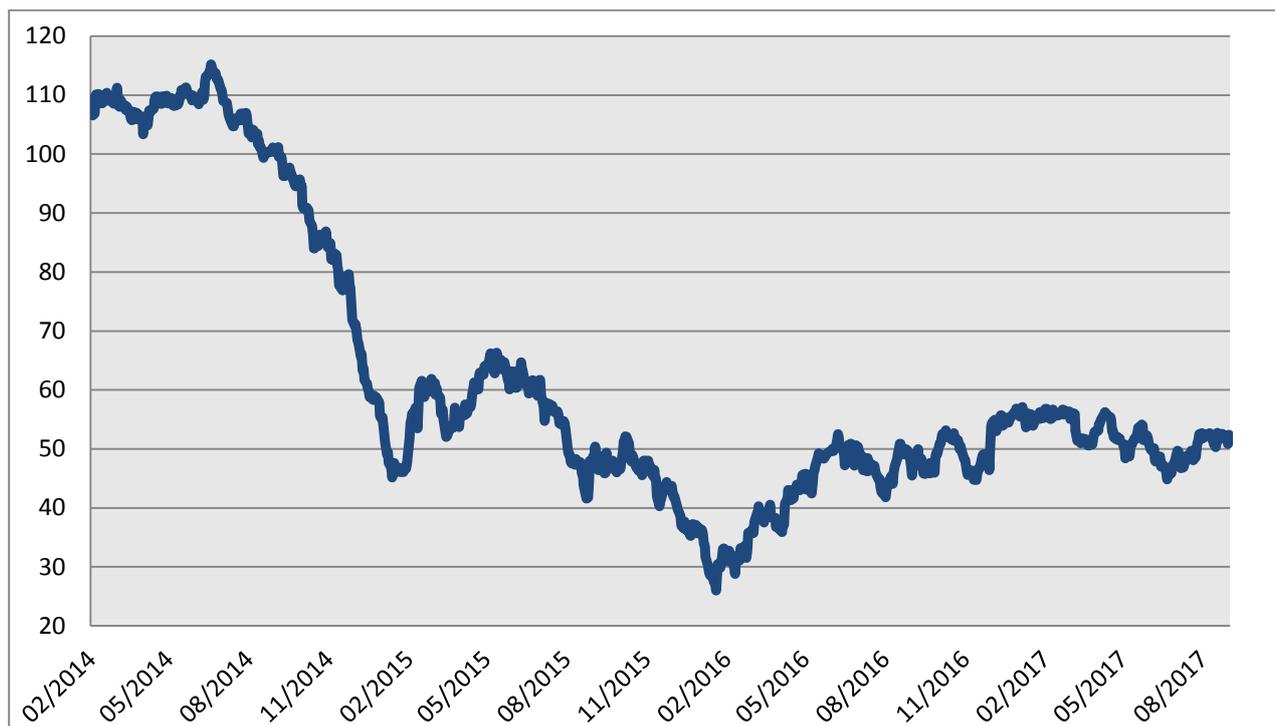
Os preços do petróleo registraram no mês de agosto de 2017 um valor mínimo de US\$ 50,27, máximo de US\$ 52,72 e média de US\$ 51,87, representando um acréscimo de 5,54% em relação ao mês de julho. A expectativa da Agência Internacional de Energia (EIA) é que o preço do barril de petróleo feche em US\$ 51,00 para 2017 e US\$ 52,00 para 2018. Em comparação ao relatório anterior, houve redução de US\$ 1,00 na expectativa do preço para o final deste ano e manutenção para o encerramento de 2018.

O Departamento de Energia dos EUA (DoE) informou que os estoques norte-americanos de petróleo bruto avançou em 5,8 milhões de barris na semana encerrada em 8 de setembro. Tal número foi acima da previsão do mercado, cuja previsão era de queda em torno de 3,7 milhões de barris, no período observado.

O gráfico 1, mostra a queda intensa no preço do barril de petróleo, a partir do segundo semestre de 2014. No mês de janeiro de 2016 o preço chegou ao valor mínimo de US\$ 26,01, e apesar das fortes oscilações a partir de então, demonstra uma tendência gradual de melhora, porém com certa estabilidade nos últimos meses do período em análise. Já o gráfico 2, evidencia o cálculo da correlação entre as variáveis, preço do petróleo e taxa do câmbio, exibindo uma negatividade de 0,9 entre fevereiro de 2014 e agosto de 2017, podendo ser considerada uma correlação muito forte.

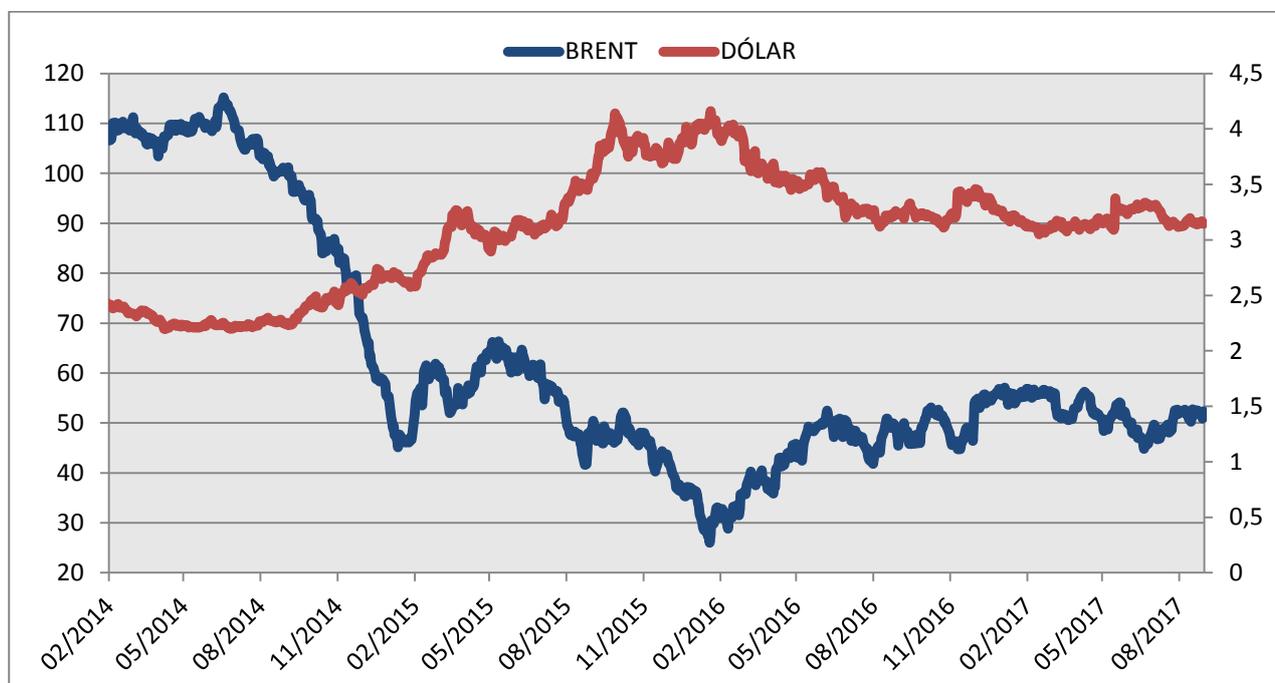
De acordo com o Boletim Focus, de 08 de setembro de 2017, a expectativa para este ano é que o câmbio encerre cotado em R\$ 3,20. A média do câmbio no mês de agosto ficou em R\$ 3,15. Assim, o Banco Central estima uma valorização da moeda norte-americana, fato este que pode ser associado a fatores internos, tal como as incertezas ligadas ao cenário político, que influencia os investidores a diminuir seu apetite ao risco, buscando assim divisas mais seguras, como o Dólar.

Gráfico 1: Preço do Brent



Fonte: ICE/ GOP

Gráfico 2: Brent X Dólar



Fonte: GOP/ICE/Bacen

3 - Demanda

Segundo dados da OPEP, a demanda global para 2017 deve crescer 1,42 milhão de barris por dia (mb/d) em relação a 2016. Tal expectativa aumentou em 0,05 mb/d em relação ao relatório do mês anterior. A estimativa da EIA, está em conformidade com a da OPEP: haverá um crescimento da demanda por petróleo neste ano, contudo esta presume um aumento de 1,35 (mb/d) ante ao ano anterior (houve um recuo de 0,07 mb/d em relação ao relatório passado). Assim, ambas as agências estão de acordo quanto à expansão da demanda em 2017, fato este que tende a dar maior equilíbrio ao mercado, compensando o excesso de oferta global de petróleo, recuperando assim seu preço.

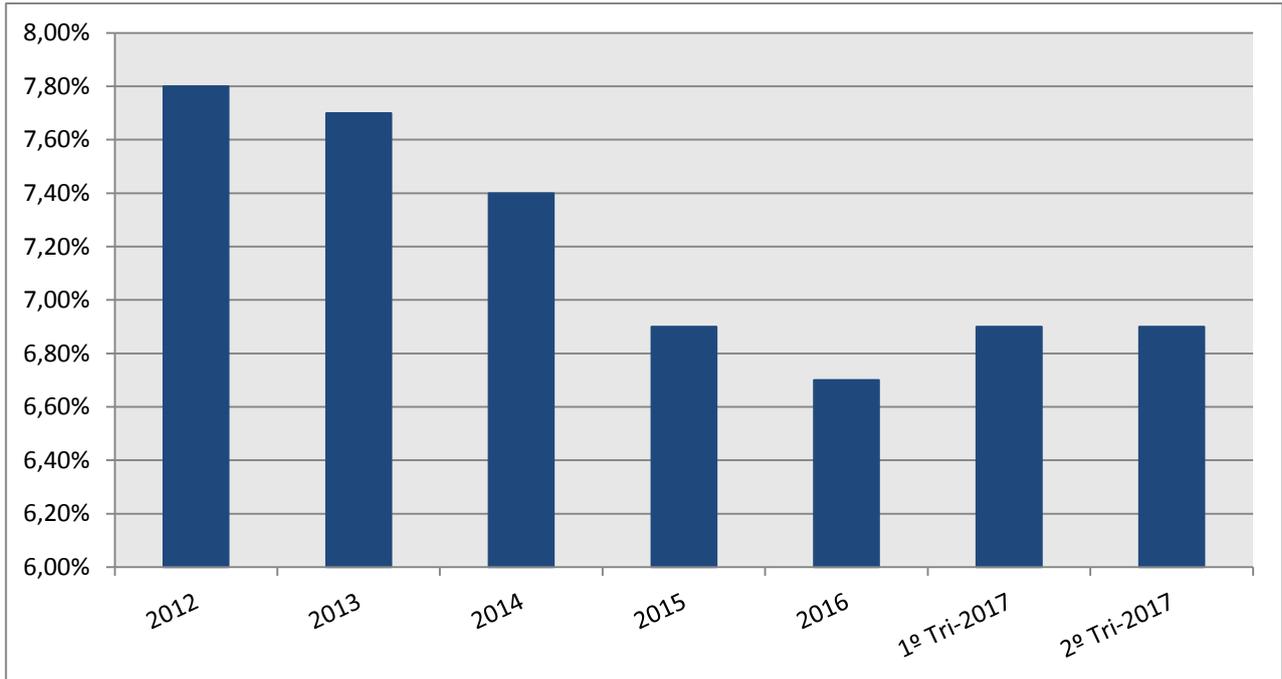
A OPEP e a EIA entram também em conformidade, no que concerne aos países que impulsionarão tal avanço. As duas instituições salientam que a região da Ásia tende a ter um papel fundamental pela procura de petróleo, pois grande parte desse crescimento será consumida pela Índia e China. Contudo, analisando individualmente cada país o maior demandante é os EUA, pois ele somente consome cerca de 20% do petróleo mundial.

A China é a segunda potência econômica mundial, sendo a maior exportadora de bens para o resto do mundo. Apesar da desaceleração, vista no gráfico 3, o crescimento chinês ainda é forte se comparado a maioria dos países. Sendo assim, seu consumo por petróleo se mantém crescente.

A Índia vem vivenciando nos últimos anos um período de expansão em sua economia, sendo necessário um maior consumo da *commodity*. Conforme exposto no gráfico 4, o PIB do país vem demonstrando um crescimento na faixa de 7% a.a., mantendo esta tendência para 2017.

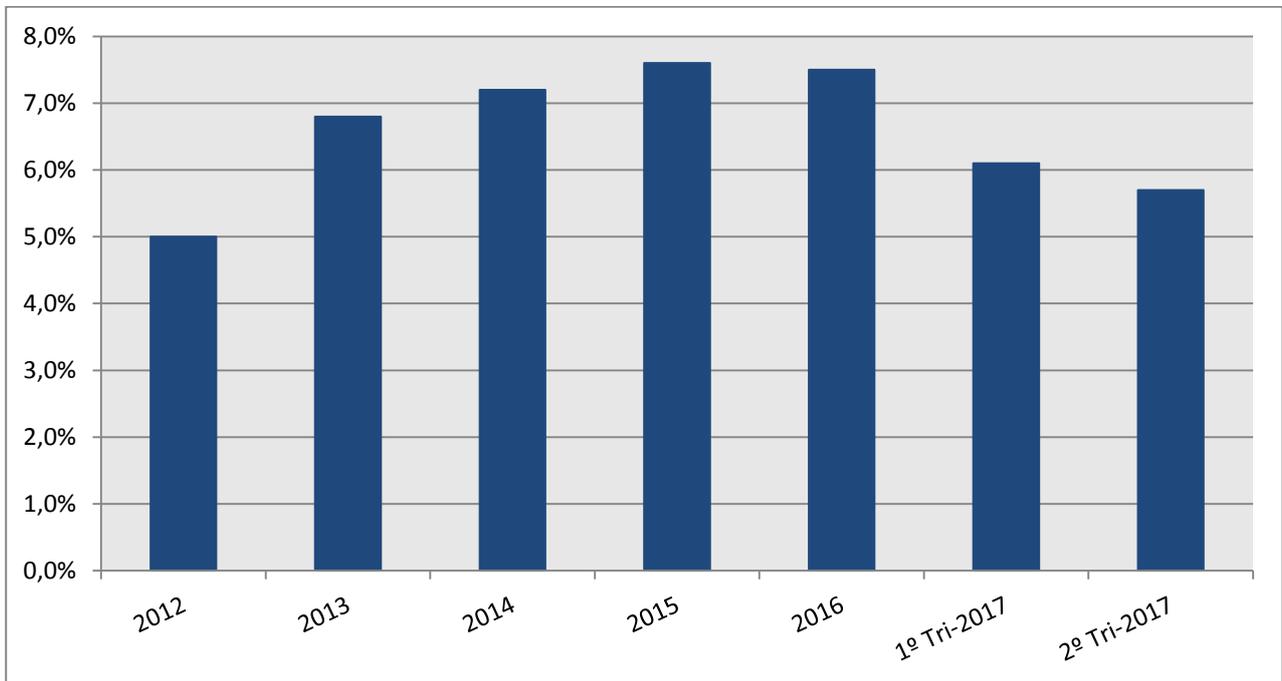
Assim, conclui-se que a demanda mundial será consumida, pela Ásia, sobretudo, Índia e China, e pelos EUA. Vale ressaltar ainda que, juntamente, os três países consomem cerca de 38% da demanda mundial de petróleo, ou seja qualquer choque na economia destas nações tende a impactar fortemente a demanda mundial.

Gráfico 3: PIB - China



Fonte: Broadcast

Gráfico 4: PIB - Índia



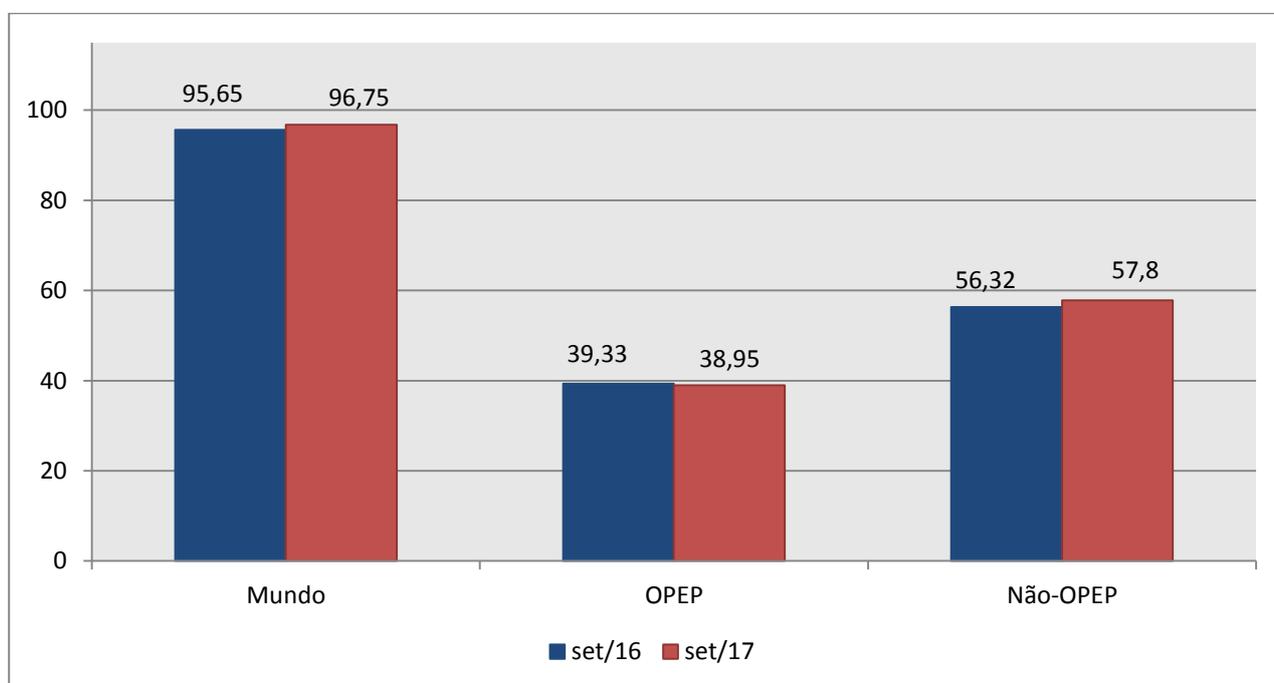
Fonte: Broadcast

4 – Oferta

4.1- Estimativa Relatório OPEP

Segundo a OPEP, a oferta mundial de petróleo será em 2017 de cerca de 96,75 milhões de barris ao dia (Mb/d), valor este a maior em 1,10 Mb/d na comparação com o estimado em setembro de 2016. Os países integrantes de seu bloco contribuirão com 38,95 Mb/d, caracterizando uma redução de 0,38 Mb/d em relação ao relatório de setembro do ano passado. Já os países não pertencentes ao cartel terão uma participação de 57,80 Mb/d, configurando um acréscimo de 1,48 Mb/d, na comparação de igual período de 2016. Tais afirmações podem ser vistas conforme o gráfico 5.

Gráfico 5: Estimativa Relatório OPEP

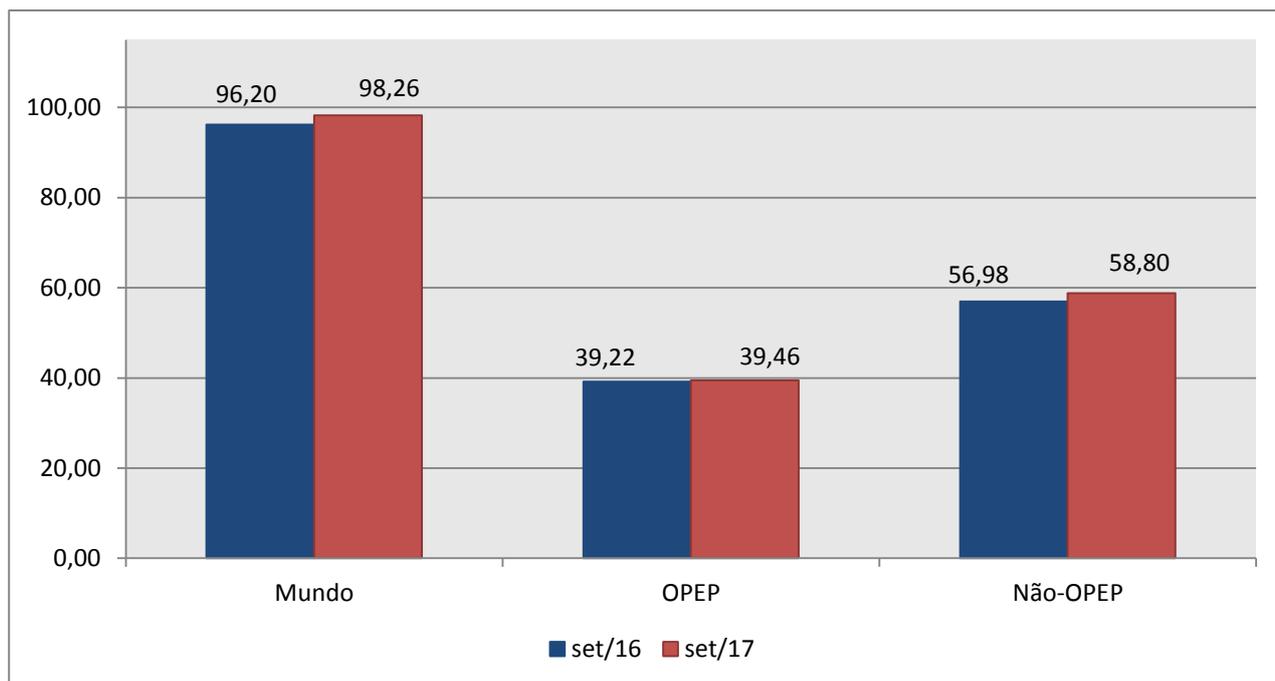


Fonte: OPEP/EIA

4.2- Estimativa Relatório EIA

De acordo com a EIA a produção global de petróleo encerrará o ano de 2017 em 98,26 mb/d, número este superior em 2,06 mb/d na comparação com o previsto em setembro de 2016. Os países que compõe a OPEP contribuirão com 39,46 mb/d do montante total, resultando um avanço de 0,24 mb/d ante ao previsto no relatório de setembro do ano passado. Já os países não integrantes do bloco ofertarão 58,80 mb/d, representando uma alta de 1,82 mb/d na comparação de igual período de 2016. Tais afirmações podem ser vistas conforme o gráfico 6.

Gráfico 6: Estimativa EIA



Fonte: OPEP/EIA

4.3- OPEP x EIA

Assim, fazendo um comparativo entre as perspectivas da OPEP e da EIA em relação à oferta para o encerramento do ano, pode-se dizer que:

- 1- Ambas as agências preveem que ocorrerá crescimento da oferta global neste ano, na comparação com o relatório de setembro de 2016;
- 2- A OPEP estima recuo da oferta dos países que estão vinculados ao cartel, já a EIA prevê aumento;
- 3- A OPEP presume avanço na oferta dos países não integrantes de seu bloco, bem como a estimativa da EIA.

Logo, tendo em vista o exposto acerca das projeções da demanda e oferta para o término de 2017, pode-se concluir que a OPEP e a EIA acreditam que haverá um crescimento tanto da demanda quanto da oferta global. Na concepção da OPEP haverá um crescimento maior da demanda ante a oferta, porém a EIA diverge de tal percepção, prevendo um avanço maior da oferta frente à demanda.

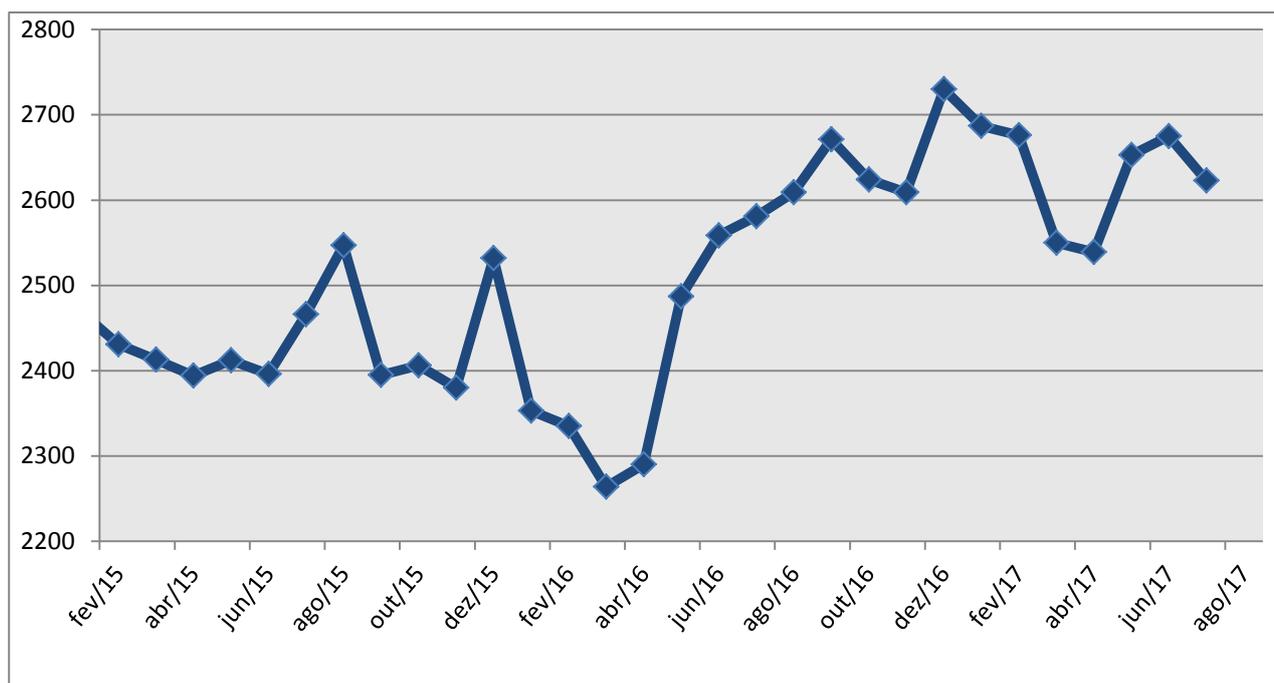
5 – Brasil

5.1- Produção

Conforme divulgado pela Agência Nacional de Petróleo, Gás Natural e Biocombustíveis (ANP), a produção de petróleo do país no mês de julho ocorreu em 8.234 poços, sendo 751 marítimos e 7.483 terrestres. Houve um aumento de 14 poços em atividade na comparação ao mês anterior. Os poços marítimos, mesmo apresentando um número quantitativamente inferior aos de origem terrestre, produziram em torno de 95% de petróleo do país, no mês em questão.

Segundo a ANP, a produção nacional em julho registrou 2.623 mil barris de petróleo ao dia (Mbbbl/d), configurando um recuo de 1,9% em relação ao mês de junho. Tal afirmação pode ser observada na série histórica do gráfico 7.

Gráfico 7: Histórico de produção de petróleo



Fonte: ANP/GOP

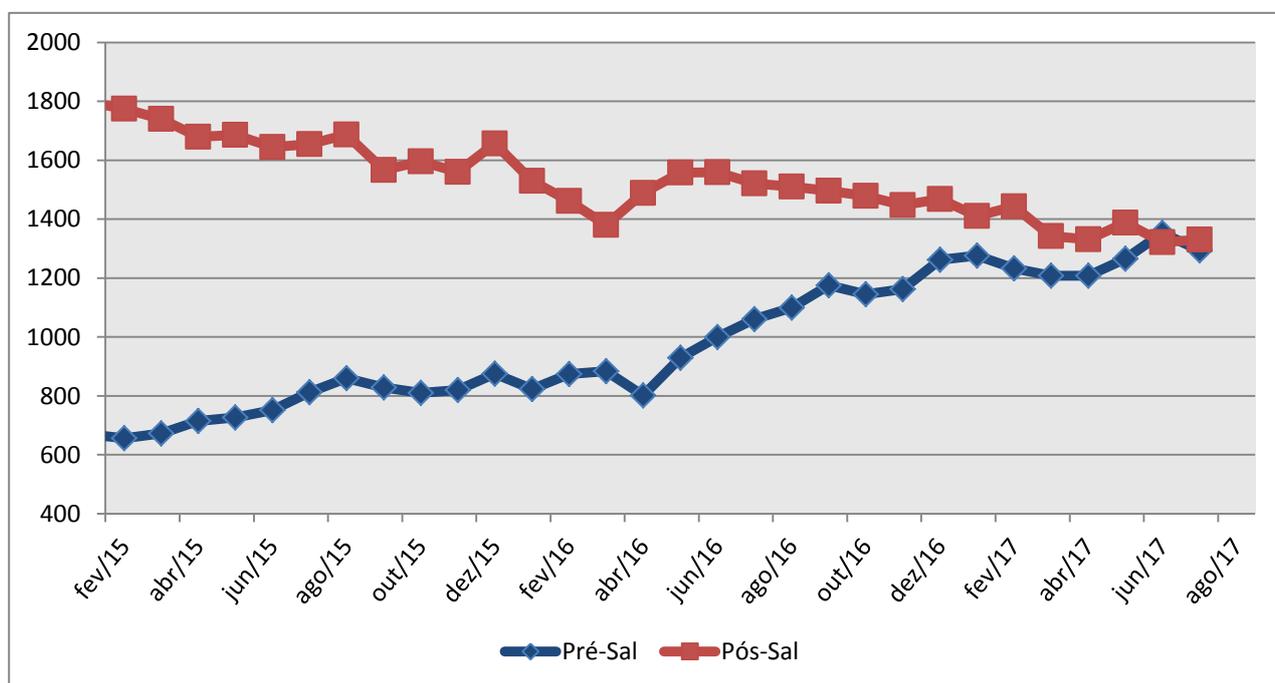
5.2- Pré-Sal x Pós-Sal

No mês de julho o pré-sal, registrou uma produção de 1.293 Mbbbl/d. Tal produção é oriunda de 80 poços, o que representa aproximadamente 49% do total produzido no Brasil. Na comparação do período observado com o mês de junho, a produção declinou cerca de 4,5%, após ter alçado novos recordes de produção. Já o pós-sal registrou no mês em análise 1.330 Mbbbl/d, o que equivale

aproximadamente 51% da produção nacional. Este número reflete uma tímida alta de 0,6%, se comparado ao mês de junho.

Desse modo, conforme verificado no gráfico 8 pode-se perceber que a curva relacionada à produção do pós-sal apresenta viés de queda enquanto a do pré-sal segue em ascendência. No mês de junho a produção referente ao pré-sal ultrapassou a do pós, porém em julho tal modificação não se sustentou, ao passo que a produção do pós-sal foi novamente superior ao do pré-sal. Contudo, ainda estima-se que a produção originária do pré-sal ultrapassará a do pós-sal, mesmo este tendo um número maior de poços explorados.

Gráfico 8: Evolução da produção do Pré-Sal e Pós-Sal



Fonte: ANP/GOP

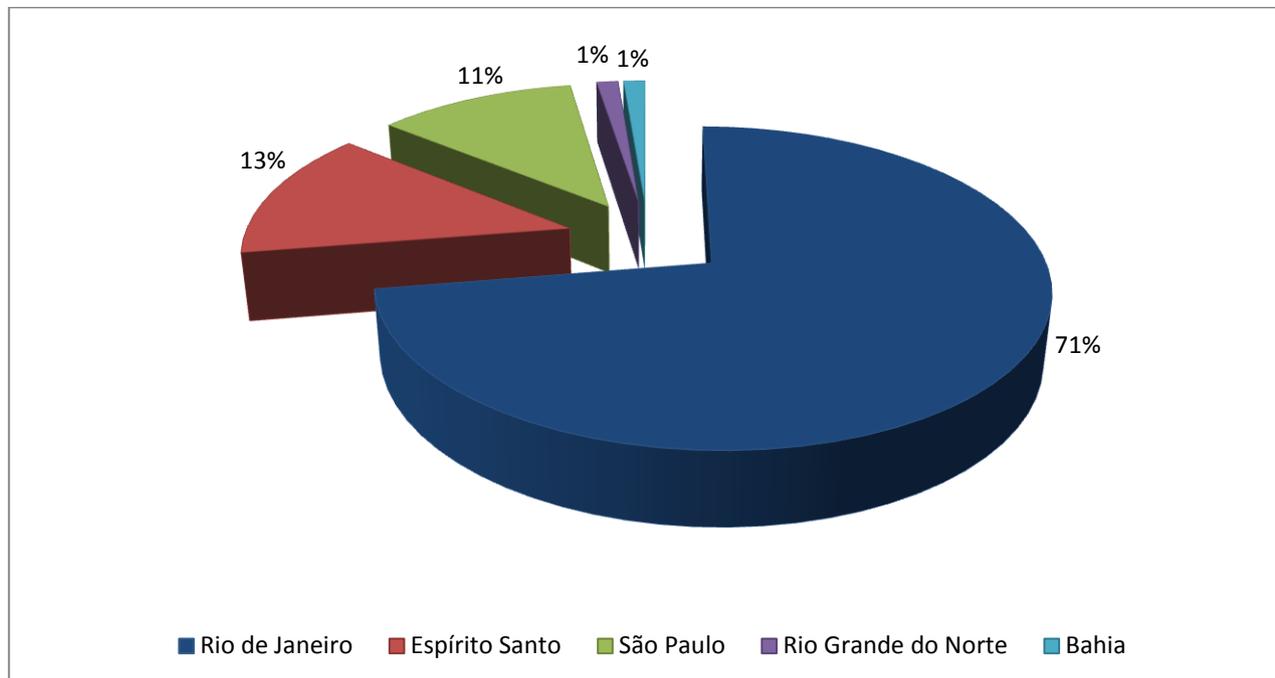
5.3- Estados Produtores

Atualmente, o Brasil possui dez (10) estados produtores de petróleo, sendo os maiores produtores Rio de Janeiro, Espírito Santo, São Paulo, Rio Grande do Norte e Bahia. De acordo com a ANP, o Rio de Janeiro possui maior notoriedade, pois ele, somente, foi responsável por 71% da produção nacional referente ao mês de julho.

Faz-se perceptível a importância do petróleo para o Estado, visto que o somatório da produção dos outros quatro maiores produtores representam juntos apenas 39% da produção fluminense. Vale ressaltar ainda, que o Estado de São Paulo é detentor de apenas seis (6) poços em

atividade, mas que apresenta elevado grau produtivo, conduzindo assim, o estado à posição de terceiro maior produtor do Brasil. Tais afirmações podem ser vistas, respectivamente, no gráfico 9 e na tabela 1.

Gráfico 9: Estados produtores



Fonte: ANP/GOP

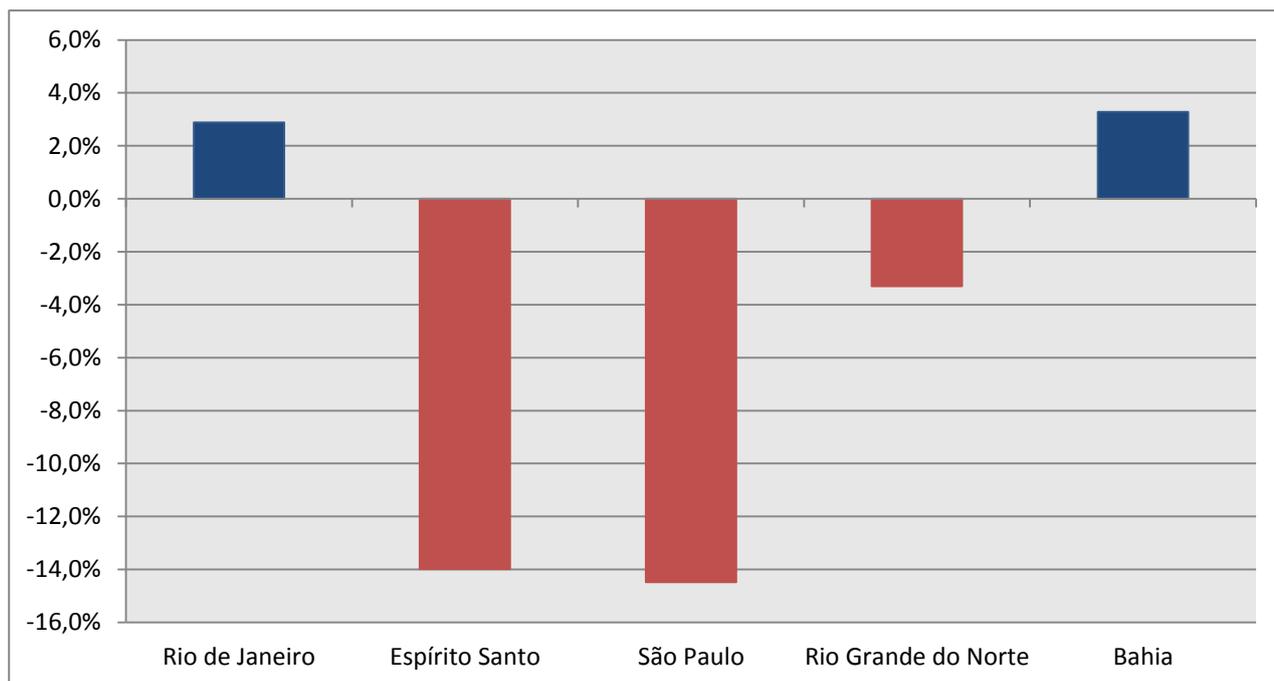
Tabela 1: Distribuição da Produção por Estado

ESTADO	PRODUÇÃO	Nº CAMPOS PRODUTORES
Rio de Janeiro	1.850.266	42
Espírito Santo	344.377	45
São Paulo	295.131	6
Rio Grande do Norte	46.792	78
Bahia	32.107	84

Fonte: ANP/GOP

Em relação à produção, referente ao mês de julho, dos estados mencionados pode-se verificar que o estado do RJ apresenta uma elevação quanto a sua produção. Contudo, os estados de SP e ES apontam intensa queda em suas respectivas produções, anulando assim o impacto positivo da produção fluminense, no montante total.

Gráfico 10: Variação da Produção – Principais Produtores Estaduais



Fonte: ANP/GOP

5.4- Bacias

Grande parte das jazidas brasileiras de petróleo estão situadas em bacias sedimentares, sendo sua maioria em locais marítimos de águas profundas. Estas não se restringem apenas a uma localidade, podendo abranger dois ou mais estados. Hoje em dia a produção nacional é oriunda de doze (12) bacias, dentre as quais se destacam: Bacia de Campos - ES / RJ; Bacia de Santos - SP / RJ; Bacia Potiguar - RN; Bacia do Recôncavo - BA e Bacia do Espírito Santo – ES/BA.

A Bacia de Campos e a Bacia de Santos somaram no mês observado cerca de 96% da produção nacional, o que comprova a extrema concentração da capacidade produtiva do país nestas, como pode ser verificada na tabela 2.

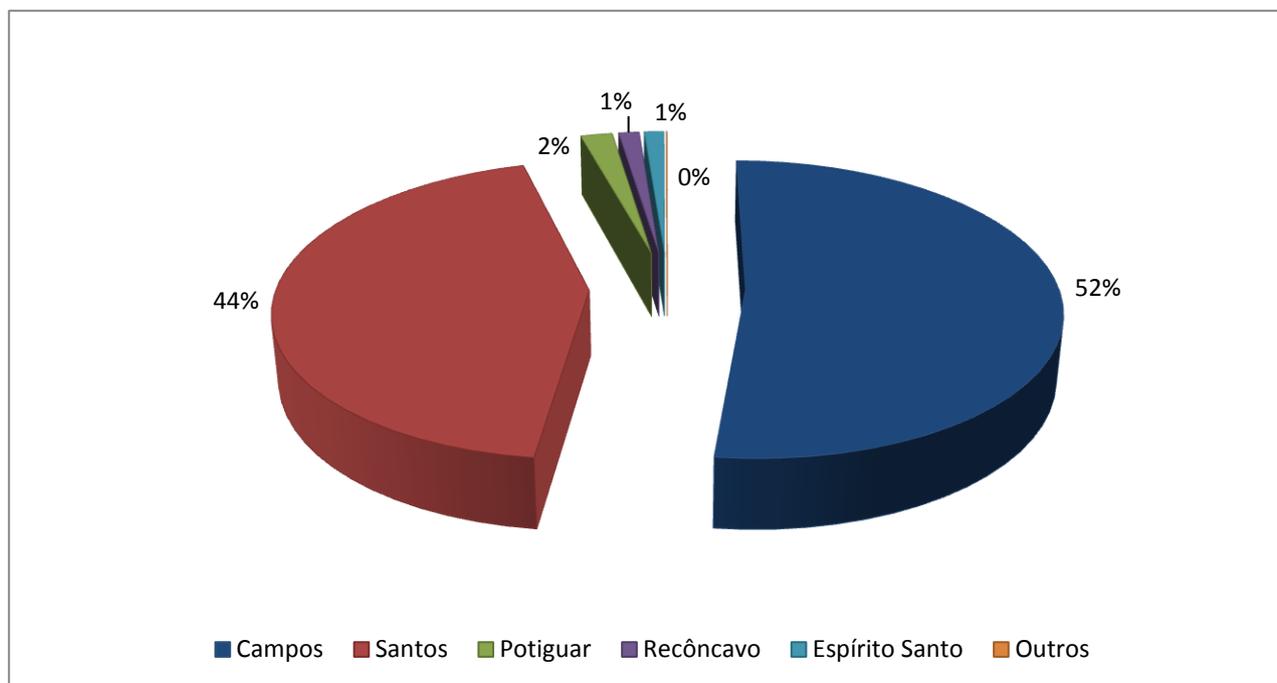
Tabela 2: Distribuição da Produção por Bacia

BACIA	PRODUÇÃO	Nº CAMPOS PRODUTORES	LOCALIZAÇÃO
Campos	1.285.503	45	Rio de Janeiro/Espírito Santo
Santos	1.173.801	10	Rio de Janeiro/São Paulo
Potiguar	48.056	80	Rio Grande do Norte
Recôncavo	31.688	79	Bahia
Espírito Santo	30.470	38	Espírito Santo/Bahia

Fonte: ANP/GOP

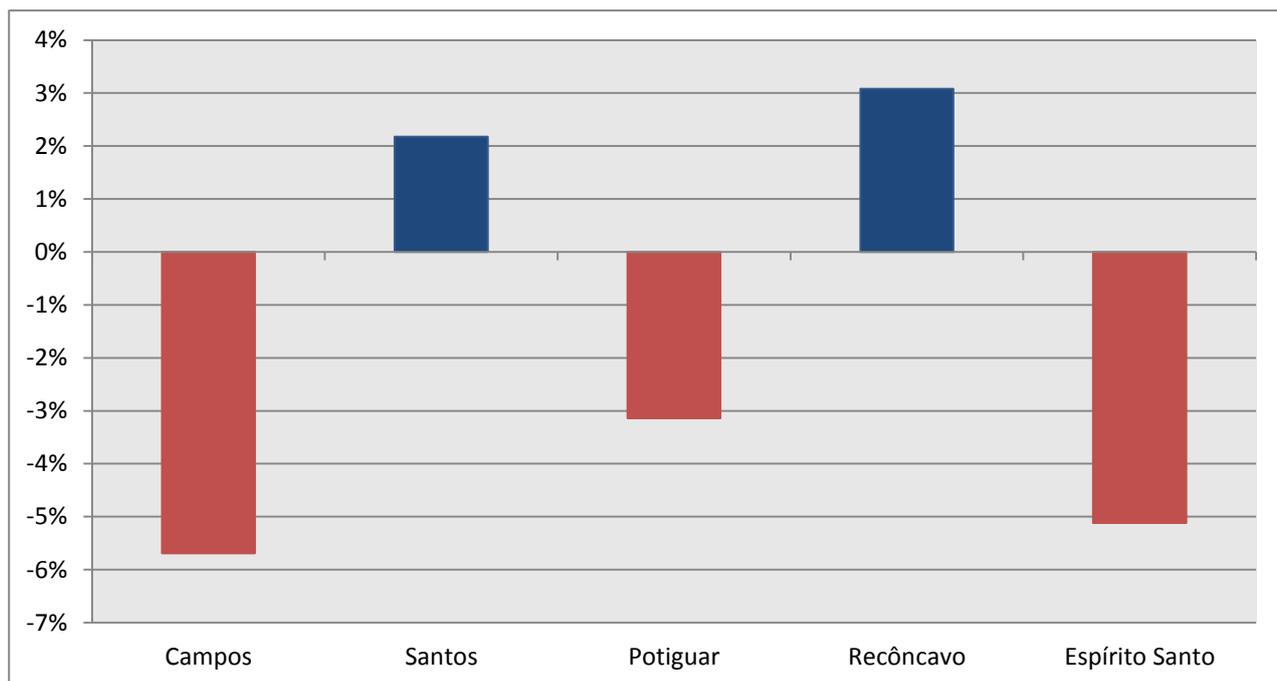
No mês em análise, como já mencionado, a ANP divulgou a produção nacional de 2.623 Mbbl/d (mil barris por dia) ao qual foi constatado um decréscimo frente a junho. A ênfase na redução da produção total do mês de julho pode ser atribuída à bacia de Campos, que apontou uma variação negativa em torno de 6% na comparação com o mês anterior. Tais constatações podem ser vistas no gráfico 12.

Gráfico 11: Produção de Petróleo por Bacia



Fonte: ANP/GOP

Gráfico 12: Variação de produção das principais Bacias



Fonte: ANP/GOP

5.5- Campos

No que concerne aos campos pode-se destacar os cinco maiores produtores: Lula, Sapinhoá, Roncador, Marlim Sul e Jubarte. Estes juntos somaram no mês de junho cerca de 61% da produção de petróleo operada no país, e estão concentrados nas Bacias de Santos e de Campos.

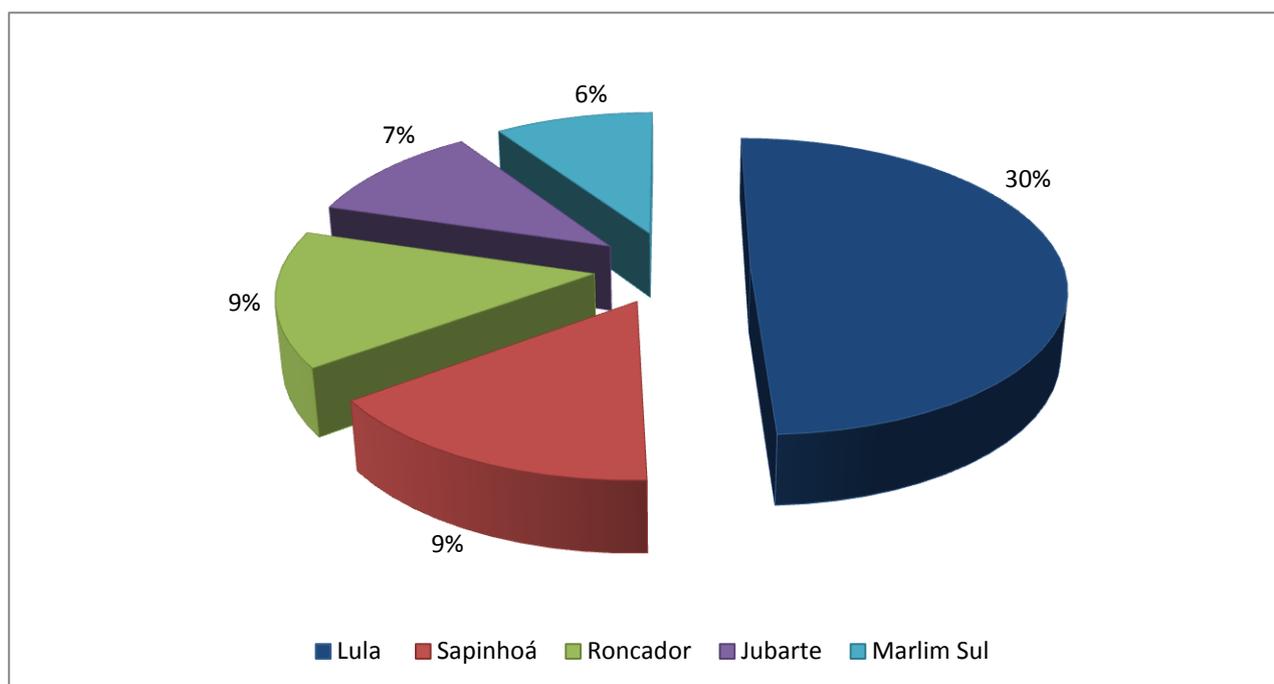
Tabela 3: Distribuição da Produção por Campo

CAMPO	PRODUÇÃO (Mil barris)	LOCALIZAÇÃO
Lula	789	Santos
Sapinhoá	249	Santos
Roncador	236	Campos
Marlim Sul	174	Campos
Jubarte	151	Campos

Fonte: ANP

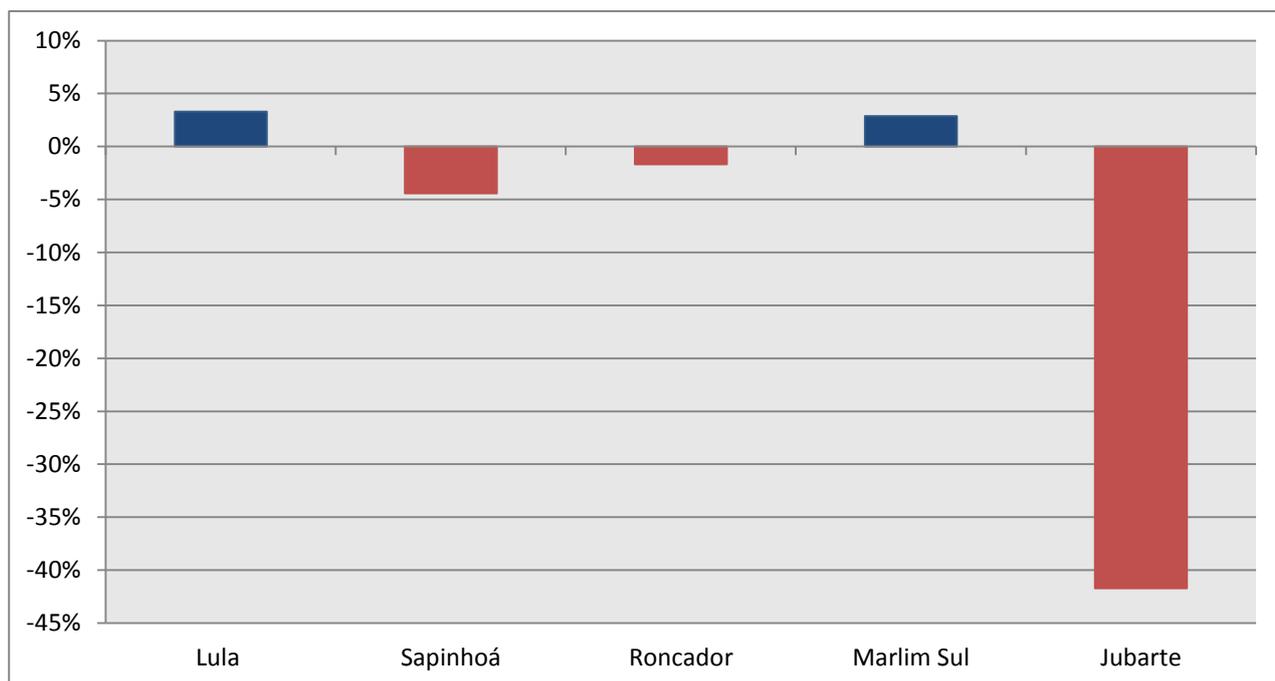
O campo de Lula, na Bacia de Santos, possui maior destaque dentre os citados, pois este, somente, representa no mês de julho, aproximadamente 30% do resultado nacional. A produção de petróleo de Lula, no mês em questão apontou uma produção de 789 Mbbbl/d, configurando-se em um novo recorde. Entretanto, o intenso recuo de produção do campo Jubarte (em vista da parada programada da plataforma P-58), que obteve redução em torno de 42% em relação ao mês de junho, foi o principal motivo para que a produção nacional declinasse no mês em questão. Tais ratificações podem ser vistas, respectivamente, nos gráficos 13 e 14.

Gráfico 13: Produção de Petróleo por Campo



Fonte: ANP/GOP

Gráfico 14: Variação de produção dos principais Campos



Fonte: ANP/GOP

Dessa forma, pode-se concluir que a redução da produção nacional, vistos no item 5.1, deu-se pela baixa da produção do Pré-Sal. Este recuo foi influenciado pelo declínio de produção da Bacia de Campos, esta sendo, sobretudo, motivada pelas perdas oriundas do Campo Jubarte.